

GÊNEROS E TIPOS TEXTUAIS: UMA PROPOSTA SÓCIO-INTERACIONISTA

Maria Helena Barbosa de Azevedo Mourão

RESUMO: Este artigo pretende fornecer ao aluno orientações indispensáveis sobre as diferenciações e delimitações entre gêneros textuais e tipos textuais. Levando o aluno à utilização, ordenada e eficaz dos gêneros e tipos textuais, a fim de que alcance uma expressão clara do pensamento assegurando-o um domínio sólido quer quanto a gêneros quer quanto a tipos textuais. O estudo pretende conscientizar tanto ao aluno como também ao professor sobre a importância do ensino dos gêneros e tipos textuais e do seu valor social. E permitiu concluir que os gêneros e tipos textuais, assim como também outras distinções sociais que estão incorporadas nas nossas ações, percepções ou vocabulário de reflexão e planejamento, ajudam a dar forma à ação resultante dentro de situações específicas. O artigo foi baseado principalmente nas teorias de Bahktin e Bronckart.

Palavras-chave: Linguística. Discurso. Ensino.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista que todos os textos se manifestam sempre num ou noutro gênero textual, um maior conhecimento do funcionamento dos gêneros textuais é importante tanto para a produção como para a compreensão. Em certo sentido, é esta ideia básica que se acha no centro dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), quando sugerem que o trabalho com o texto deve ser feito dos gêneros, sejam eles orais ou escritos.

Portanto, um maior conhecimento do funcionamento dos gêneros e tipos textuais é importante tanto para a produção como para a compreensão de textos orais como escritos. Mas como trabalharmos os diferentes tipos de gêneros e tipos textuais em sala de aula? Por que se faz necessário à diferenciação entre gêneros textuais e tipos textuais e quais as suas funcionalidades? Como conscientizar nossos alunos da importância do presente estudo? Esses são os principais questionamentos que o presente trabalho pretende explicar. Questionamentos estes que nos levaram as hipóteses de que a melhor forma de se trabalhar a língua a qual os educandos dominam é trazer a sua realidade, o seu cotidiano para a sala de aula, proporcionando assim uma maior absorção e compreensão por parte dos mesmos, assim como professor de português precisa conquistar sua autonomia didática, assumir-se como especialista da área, comprometer-se com a causa da educação linguística de seus alunos.

E é centrado nesses questionamentos e hipóteses levantadas que este trabalho tem como objetivos fornecer ao aluno orientações indispensáveis sobre a diferenciação entre gêneros textuais e tipos textuais através da identificação e diferenciação dos gêneros textuais e tipos

textuais, levando o aluno à utilização, ordenada e eficaz dos gêneros textuais, a fim de que logre alcançar uma expressão clara do pensamento assegurando ao educando um domínio sólido quer quanto a gêneros quer quanto a tipos textuais.

1. GÊNEROS E TIPOS TEXTUAIS: DEFINIÇÕES E DELIMITAÇÕES

Partindo do pressuposto básico de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum **gênero**, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por um **texto**. Em outros termos, partimos da ideia de que a comunicação verbal só é possível por algum gênero e tipo textual. Essa posição, defendida por Bakhtin (1997) e também por Bronckart (1999) é adotada pela maioria dos autores que tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em suas peculiaridades formais. Esta visão segue uma noção de língua com atividade social, histórica e cognitiva. Privilegia a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua. Afirma o caráter de indeterminação e ao mesmo tempo da atividade constitutiva da língua, o que equivale a dizer que a língua não é vista como um espelho da realidade, nem como um instrumento de representação dos fatos.

Nesse contexto teórico, a língua é tida como uma forma de ação social e histórica que, ao dizer, também constitui a realidade, sem, contudo cair num subjetivismo ou idealismo ingênuo. Fugimos também de um realismo externalista. Assim, toda a postura teórica aqui desenvolvida insere-se nos quadros da hipótese sócio-interativa da língua. É neste contexto que os gêneros textuais se constituem como ações sócio-discursivas.

Para uma maior compreensão da distinção entre gêneros e tipos textuais sem grande complicação técnica, há uma definição que permite entender as diferenças com certa facilidade. Essa distinção é fundamental em todo o trabalho com produção e compreensão de textual.

Usa-se a expressão tipo textual para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, descrição, injunção, exposição e dialogal.

Usa-se a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas como: conteúdos, propriedades funcionais, estilos e composição. Se os tipos textuais são poucos, os gêneros são ilimitados. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo, aulas virtuais e assim por diante.

Portanto, todos os textos sempre se manifestam num ou noutro gênero textual e em todo gênero se estar realizando tipos textuais, podendo ocorrer que o mesmo gênero realize dois ou mais tipos. Em outras palavras podemos citar o que afirmou Jean-Michel Adam (1999) “*Os gêneros são uma espécie de armadura comunicativa geral preenchida por sequências tipológicas de base que podem ser bastante heterogêneas, mas relacionadas entre si*”.

Assim, podemos concluir que a tipificação de discursos é um processo fundamental na formação do nosso sentido de onde estamos, o que estamos fazendo e como podemos fazê-lo. O gênero parece ser um mecanismo constitutivo na formação, manutenção e realização da sociedade, da cultura, da psicologia, da imaginação, da consciência, da personalidade e do conhecimento, interativo com todos os outros processos que formam nossas vidas.

Os gêneros são apenas uma parte do orçamento comunicativo maior de qualquer sociedade, um sistema particular de gêneros inter-relacionados em um dado lugar e tempo, sendo, pois, interativos com os gêneros da política, da economia, da justiça, das profissões, da educação, da religião, da vida doméstica e do lazer. Os gêneros da cultura literária fornecem alcances específicos de experiências e interações compartilhadas que desempenham funções particulares para o indivíduo e a sociedade. Os gêneros são pedaços da ordem sociocultural do tempo e lugar que estruturam as ideias, sentimentos, desejos, ironias, críticas e identidades entre aqueles que usam a língua.

2. GÊNEROS, TIPOS TEXTUAIS E O ENSINO

Qual o sentido de se ensinar diferentes tipos/gêneros textuais? Como o professor/aluno pode se mover frente a um objeto como o gênero com as coerções impostas pelo modelo e ao mesmo tempo com a variabilidade sócio-histórica e cultural que lhe é inerente? Como seria uma didática de língua assentada no estudo dos gêneros?

Segundo Bakhtin, quando um indivíduo fala/escreve ou ouve/lê um texto, antecipa ou tem uma visão do texto como um todo acabado justamente pelo conhecimento prévio do paradigma dos gêneros a que ele teve acesso nas suas relações de linguagem. Só que um gênero não é uma forma fixa, cristalizada de uma vez por todas e que deve ser tratado como um bloco homogêneo. E é esse o equívoco que comentem algumas das abordagens pedagógicas. O professor não pode perder de vista a dimensão intergenérica, dialogal que um gênero estabelece com outro no espaço do texto.

Consequentemente outra dimensão importante e se considerar na prática pedagógica, tanto em relação à produção textual quanto à leitura, é a tensão entre aquilo que Bakhtin chama de forças centrípetas e forças centrífugas. Enquanto conjunto de traços marcados pela regularidade, pela repetibilidade, o gênero é relativamente “estável”, mas essa estabilidade é

constantemente ameaçada por pontos de fuga, por forças que atuam sobre as coerções genéricas. Em determinados gêneros, essa tensão se faz marcar de maneira mais acentuada, em outros, não. Por exemplo, um notícia X um texto literário, em que, na primeira, a quase fixidez dos seus elementos constitutivos tornam esse gênero mais estável: há que se ter sempre um quem, o quê, o como, o por quê, o quando, o onde.

O professor tem que estar atento a essa dupla face que o gênero apresenta: forças de concentração atuando ao lado de forças de expansão, pois é a concentração que vai garantir, pela estabilidade do sistema, a economia nas relações da comunicação e a intercompreensão entre os falantes, e é a expansão que vai possibilitar a variabilidade desse sistema com a criação, a inovação, e conseqüente inscrição do sujeito na linguagem com seu idioleto, seu estilo.

Desse modo, numa perspectiva discursiva, o gênero deve ser trabalhado enquanto instituição discursiva, isto é, forma codificada sócio-historicamente por uma determinada cultura e enquanto objeto material, isto é, enquanto materialidade lingüística que se manifesta em diferentes formas de textualização.

Propõe-se a intersecção interdisciplinar entre a análise do discurso e a lingüística textual. Nesse sentido, acredita-se ser proveitoso para o professor operar como o conceito de gênero tal como concebido por Bakhtin, juntamente com a classificação de tipos textuais de Adam, a qual vai lhe permitir apreender nas formas de textualização do gênero, a sua materialidade lingüística.

2.1 Objetivos do ensino de língua materna

Segundo Travaglia (1997), o ensino de língua materna se justifica prioritariamente pelo objetivo de desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), isto é, a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação. Portanto, este desenvolvimento deve ser entendido como a progressiva capacidade de realizar a adequação do ato verbal às situações de comunicação. A competência comunicativa implica duas outras competências: a gramatical ou lingüística e a textual.

A competência gramatical ou lingüística é a capacidade que tem todo usuário da língua de gerar seqüências lingüísticas gramaticais, isto é, consideradas por esses mesmos usuários como seqüências próprias e típicas da língua em questão, no caso a Portuguesa. Essa competência está ligada ao que Chomsky (s/d) chamou de “criatividade lingüística”, que é a capacidade de, com base nas regras da língua, gerar um número infinito de frases gramaticais.

A competência textual é a capacidade de, em situações de interação comunicativa, produzir e compreender textos considerados bem formados, valendo-se de capacidades textuais básicas que são:

A **capacidade formativa**, que possibilita aos usuários da língua produzir e compreender um número de textos que seria potencialmente ilimitado e, além disso, avaliar a boa ou má formação de um texto dado, o que equivaleria mais ou menos a ser capaz de dizer se uma seqüência lingüística dada é ou não um texto, dentro da língua em uso.

A **capacidade transformativa**, que possibilita aos usuários da língua modificar, de diferentes maneiras (reformular, parafrasear, resumir, etc.) e com diferentes fins, um texto e também julgar se o produto dessas modificações é adequado ao texto sobre o qual a modificação foi feita.

A **capacidade qualificativa**, que possibilita aos usuários da língua dizer a que gênero e tipo de texto pertence um dado texto, naturalmente segundo uma determinada tipologia. Por exemplo, dizer se é um romance, uma anedota, uma reportagem, uma receita, uma carta, uma narração, uma descrição, um discurso político, um sermão religioso, um artigo científico, em texto literário, etc. Evidentemente a capacidade qualificativa vem com a capacidade formativa, à medida que deve possibilitar ao usuário ser capaz de produzir um texto de determinado tipo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no estudo realizado, podemos concluir que o objetivo de ensino de língua materna é desenvolver a competência comunicativa, isto corresponde então a desenvolver a capacidade de produzir e compreender textos nas mais diversas situações de comunicação, e é através do ensino e do reconhecimento dos gêneros e tipos textuais que conseguiremos uma melhor compreensão por parte dos alunos. Confirmando assim, a hipótese levantada no início do estudo, nos trazendo alguns esclarecimentos a cerca do tema, como suas definições, delimitações e algumas propostas de como lidar com o referido tema em sala de aula, assim como também sua importância no dia-a-dia tanto no uso verbal como na produção textual.

Também podemos confirmar a importância do ensino de uma teoria que trata especificamente do texto e o vê como espaço intersubjetivo, resultado da interação entre sujeitos da linguagem que atuam em uma situação de comunicação para atingir determinados objetivos, ou seja, para conseguir uma intenção mediante o estabelecimento de efeitos de sentido pela mobilização de recursos linguísticos que, em seu conjunto, constituem textos.

Os gêneros e tipos textuais, como também outras distinções sociais que estão incorporadas nas nossas ações, percepções ou vocabulário de reflexão e planejamento, ajudam a dar forma à ação resultante dentro de situações específicas. À medida que, em séculos recentes, o mundo social tem se tornado cada vez mais diferenciado, muitas atividades são realizadas em diferentes tipos de situações sociais, tornando as atividades discursivas cada vez mais diferentes.

Portanto, numa perspectiva de que a língua é tida como uma forma de ação social,

histórica e constituinte da realidade, os gêneros e tipos textuais serão apreendidos naturalmente, o que significa a sua inevitável e funcional aplicação, sempre que nos dispomos a dizer qualquer coisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português – Encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso: Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BRANDÃO, Helena Nogamine. **Aprender e ensinar com textos: Gêneros do discurso na escola**. São Paulo: Coleção aprender e ensinar com textos, 2000.
- BRASIL, secretaria de Educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF da Educação, 1998.
- BRONCKART, Jean- Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: Educ, 1999.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins fontes, 2004.
- MARCUSCHI, Luiz. Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In DIONÍSIO, A. P. et alii (Orgs) **Gêneros textuais e ensino**. 2ª ed. Rio de Janeiro, 2002.
- TODOROV, T. **Gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1997.
- Revistas e periódicos:**
- CAVALCANTE, Meire. Alfabetização: todos podem aprender. **Nova escola**, São Paulo, março de 2006. p. 25.
- KOCH, Ingedore G. Villaça e FÁVERO, Leonor Lopes. **Letras & Letras**, Volume 3, Número 1. Universidade Federal de Uberlândia, Departamento de Letras, Uberlândia, março de 1985.